

O MORFEMA DE TOPICALIZAÇÃO WA – UM BREVE HISTÓRICO

Yûki Mukai

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo abordar, através de uma visão diacrônica, as teorias semântico-funcionais sobre o morfema gramatical *wa*, apresentadas por teóricos modernos (a partir do período Taishô [1912 ~]) da língua japonesa. O *wa* possui as funções principais de indicar *shudai* (tema) e *taihi* (contraste), porém, ainda não tem sido enfocada, de forma significativa, a identificação das suas funções no momento de enunciação. Conforme nossos estudos, comprovou-se que, para a análise dessa identificação, é preciso considerar não apenas o vocábulo anteposto ao *wa*, do ponto de vista sintático-semântico, mas também a intenção/subjetividade do locutor, o contexto situacional (fluxo do discurso) e o conhecimento do destinatário, incluindo uma análise do ponto de vista pragmático.

ABSTRACT: The aim of this paper is to present a diachronic account of the functional-semantic theories about the grammatical particle *wa*, argued by modern theoreticians (since the Taisho period [1912 ~]) of the Japanese language. The principal functions of *wa* are to indicate *shudai* (theme) and *taihi* (contrast), but few theoreticians have given significant attention to the identification of its functions in the moment of an utterance. According to our study, the following fact was revealed: for the analysis of that identification, it is necessary to consider not only the word preceding *wa* from the syntactic-semantic point of view, but also the intention/subjectivity of the speaker, the situational context (discourse flow) and the knowledge of the addressee, including an analysis from the pragmatic point of view.

PALAVRAS-CHAVE: morfema *Wa*; *toritate* (topicalização); *teidai/shudai* (tema); *taihi/hikaku* (contraste/comparação); *kyûjôh/kichi-no jôh* (informações dadas); conhecimento pragmático.

KEYWORDS: Japanese particle *Wa*; *toritate* (topicalization); *teidai/shudai* (theme); *taihi/hikaku* (contrast/comparison); *kyûjôh/kichi-no jôh* (given information); pragmatic knowledge.

1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo abordar as teorias semântico-funcionais sobre o morfema gramatical¹ *wa*, apresentadas por teóricos da língua japonesa. Começando por Yamada (1922), pretendemos fazer uma análise mais acurada sobre os sentidos e funções do *wa*, o qual possui as funções principais de indicar *teidai/shudai* (tema) e *taihi/hikaku* (contraste²/comparação). Existe, porém, outra função mais importante que engloba essas duas funções, o *toritate* (topicalização), como apontaram Saji (1974), Kitahara (1981), dentre outros. Considerando os levantamentos feitos sobre os conceitos do morfema *wa*, propostos por cada teórico, pretende-se elucidar, do ponto de vista semântico-funcional, seus vários sentidos e funções peculiares, inexistentes nos demais morfemas.

2. As Funções Morfossintáticas do Morfema *Wa*

Embora, neste estudo, enfoquemos os valores semânticos do morfema *wa*, apresentados por teóricos da língua japonesa, neste item, pretendemos fazer, primeiramente, uma breve consideração sobre as características morfossintáticas do *wa*, a fim de elucidar a variedade de ligações gramaticais que estabelece dentro da frase.

Segundo o *Nihon bunpô dai jiten* (Grande Dicionário de Gramática da Língua Japonesa, 1971, p. 666), “o morfema *wa* se liga aos vários *ren'yôgo* (vocábulos <palavras ou locuções> que modificam um *yôgen*³ ou um equivalente) das frases e reforça o *chinjutsu* (asserção/concatenação final) entre esse *ren'yôgo* e o *jutsugo yôgen* (*yôgen* que constitui o predicado)” Em outras palavras, o morfema *wa*, em termos morfossintáticos, liga-se a vários tipos de classe gramatical e, semanticamente, possui

1. Trata-se dos morfemas de valor gramatical. Segundo Kehdi (2000), há duas categorias de morfemas: morfemas de valor lexical e morfemas de valor gramatical. O autor (2000, p. 68) define-as: “os morfemas de valor lexical, como, p. ex., os substantivos, pertencem a um inventário aberto (seu nome é indeterminado e é sempre possível acrescentar um novo membro à série); os morfemas de valor gramatical (p. ex., os afixos, as preposições etc.) constituem inventários fechados, representados por elementos de número reduzido, cuja listagem figura nas gramáticas”.
2. *Taihi* (contraste): função em que o segundo componente (palavra, locução etc.) apresenta uma declaração que contrasta com o primeiro. Ex. *Natsu-wa atsukute fuyu-wa samui*. [O verão é quente e o inverno é frio.] [Exemplo colhido de Yamada (1922, p. 189).]
3. *Yôgen*: vocábulos nocionais-relacionais flexionáveis; em português, corresponderiam a verbos e adjetivos. Cf. *Taigen*: vocábulos nocionais; em português, corresponderiam a substantivos, numerais, pronomes etc.

(6) [...] *tegami-ga watashi-ni-wa // taisôna yorokobini natta.*

→ ←

(morfema de caso dativo *ni + wa*)

[...] a carta, para mim, tornou-se uma imensa alegria.]

(7) [...] *soto-e-wa // denakatta.* (morfema de caso que indica direção *e + wa*)

→ ←

[...] para fora, // não saí.]

(8) *Chichi-wa kuchi-de-wa // kô itta.* (morfema de caso instrumental *de + wa*)

→ ←

[O meu pai, da boca para fora, // falou assim.]

(9) *Tada kaoro-dake-wa // futsû-no hito-yori-mo taihen warukattaga [...].*

→ ←

(morfema de limitação *dake + wa*)

[Apenas a cor do rosto // era muito pior que a da maioria das pessoas, mas [...].]

(10) *Kondo-no jiken-nitsuite-wa // nan'ni-mo iwanakatta-no desu.*

→ ←

(morfemas de caso compostos [*fukugô kakujoshi*] + *wa*)

[Quanto a este acontecimento, // não falei nada.]

(11) [...] *watashi-no hô-demo fukaku-wa // kikazuni oita.*

→ ←

(adjetivo *fukai* na forma (função) adverbial [*ren'yôkei*] + *wa*)

[...] eu também fiquei sem perguntar detalhadamente.]

(12) [...] *sukoshi-wa // chûishinakucha.* (advérbio + *wa*)

→ ←

[Pelo menos um pouco, // é preciso tomar cuidado.]

Observa-se que o morfema *wa* liga-se a vários tipos de classe de palavras tais como pronomes, substantivos, morfemas de caso⁷ e de limitação, morfemas conjuntivos, advérbios etc., mas não pode ligar-se diretamente à forma terminativa do *yôgen* (equivalentes, em português, a verbos e adjetivos) e ao *rentai seibun* (componentes que restringem ou complementam a noção de um nome)⁸, como afirma Watanabe (1971) (cf. item 3.6).

7. O morfema *wa* liga-se aos morfemas de caso, com exceção de *ga* e *wo*. Quanto aos detalhes, ver Watanabe, 1971, pp. 177-180.

8. Quanto aos detalhes, ver item 3.6.

3. As Funções Semânticas do Morfema Wa

Agora, vejamos os valores semânticos do morfema de topicalização *wa*, propostos por vários teóricos japoneses, do ponto de vista semântico-funcional, para melhor compreensão de seus sentidos e funções peculiares.

3.1. Yoshio Yamada (1922; 1950)

Yoshio Yamada (1922, p. 189), classificando o morfema *wa* como *kakarijoshi* (morfema de efeito modalizador)⁹, afirma: “o *wa* possui o sentido de exclusividade e estabelece os fatos enfocados de forma clara, evitando a ocorrência de ambigüidades ou a confusão com outros fatos. Finalizando os enunciados na forma terminativa, às vezes expressa o sentido de asserção enfática” Quanto à essência do *wa*, o mesmo gramático (1950, p. 93) ressalta: “o morfema *wa* pede um *chinjutsu* (asserção/concatenação final) determinado”

O autor distingue *kakujoshi* (morfemas de caso) e *fukujoshi* (morfemas de limitação) dos *kakarijoshi*, chamando a atenção para o fato de que apenas os *kakarijoshi* possuem a função de domínio sobre o *chinjutsu* (asserção/concatenação final) e também que estão relacionados com a força predicativa de enunciação. Em relação à distinção da classe gramatical, Yamada (1922, p. 186) continua afirmando que “os *kakarijoshi* não são antepostos aos morfemas de caso nem de limitação. Às vezes, usam-se mais de um *kakarijoshi* encadeado”. É por essa razão que os morfemas *wa* e *mo* foram acrescentados, primeiramente, pelo gramático, à categoria do *kakarijoshi* na língua japonesa moderna.

Vejamos alguns exemplos¹⁰ apresentados por Yamada (1922, pp. 187-188):

(13) *Yuki-yori-wa shiroi.* (morfema de caso + morfema de efeito modalizador)
[É branco, mais do que a neve.]

(14) *Jûen bakari-wa aru.* (morfema de limitação + morfema de efeito modalizador)
[Uns dez ienes, há.]

(15) *Kimi-koso-wa hyaku-made daijôbuda.* (morfema de efeito modalizador + morfema de efeito modalizador)
[Você, sim, é que vai viver até cem anos!]

9. Ainda não há uma tradução estabelecida em português. Podemos sugerir as seguintes traduções: morfemas de efeito modalizador; morfemas de efeito discursivo etc.

Fukasawa (tese de doutorado, 1991, p. 58) define os *kakarijoshi* como “partículas que, acopladas aos vários termos da oração (ou sintagmas) que modificam o predicado, atribuem, ao enunciado, certas modalidades (de dúvida, de ênfase, de proibição, de volição etc.)”.

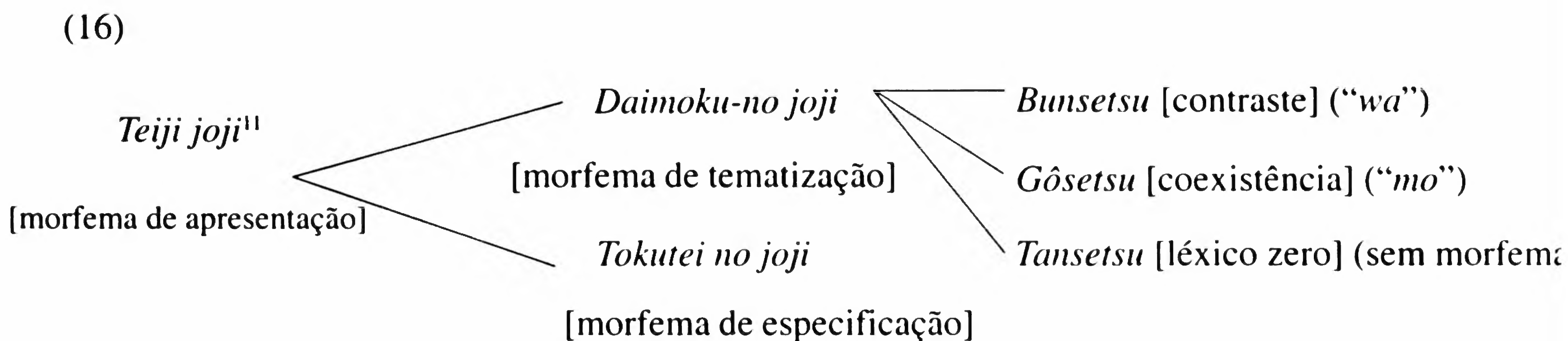
Yamada (1936, p. 472) define os *kakarijoshi* como “morfemas que se ligam aos vocábulos da classe dos *yôgen* (em português, corresponderiam aos verbos e adjetivos), que formam o *chinjutsu* (asserção/concatenação final) e reforçam esse *chinjutsu*”. Segundo o autor (1950, p.70), os seguintes morfemas pertencem à categoria do *kakarijoshi*: “na língua japonesa moderna, *wa* [marcador de tópico], *mo* (também), *koso* (é que), *sae* (até mesmo), *demo* (até mesmo), *hoka* (além de) e *shika* (somente)”.

10. Grifo nosso.

Em resumo, os *kakarijoshi*, inclusive o *wa*, sendo colocados em posição intra-frasal, influem na construção da enunciação (concatenação final) e os predicados desempenham a função de concluir os enunciados conforme essa influência.

3.2. Daizaburô Matsushita (1930)

Daizaburô Matsushita (1930, pp. 336-339) classificou o morfema *wa* em *daimoku-no joji* (morfema de tematização), como mostra o esquema (16).



Nota-se que, para Matsushita, tanto o morfema *wa* como *mo* são *daimoku-no joji* (morfemas de tematização), sendo denominados, respectivamente, *bunsetsu* (contraste) e *gôsetsu* (coexistência). Eis os exemplos de *daimoku-no joji* (Matsushita, 1930, pp. 336-339):

(17) *Chichi-wa yakunin deshitaga, watashi-wa shônin desu.* (*Bunsetsu*)
[O meu pai era funcionário público, mas eu sou comerciante.]

(18) *Chichi-mo yakunin deshitaga, watashi-mo yakunin desu.* (*Gôsetsu*)
[O meu pai era funcionário público, mas eu também sou.]

(19) *Watashi \emptyset , kanji desu.* (*Tansetsu*)
[Eu sou diretor.]

É interessante notar que Matsushita, classificando o *wa* em *daimoku-no joji* (morfema de tematização), denominou-o *bunsetsu* (contraste), embora ainda não tenha se referido, de forma clara, à função de contraste, dando mais enfoque à função de tema em sua teoria.

Quanto ao *daimoku-no joji* (morfema de tematização), o gramático (1930, p. 337) afirma: quando se enuncia, “predeterminando a esfera de julgamento do locutor,

11. Segundo Matsushita, dentro do *teiji joji* (morfema de apresentação), há duas subcategorias: *daimoku-no joji* (morfema de tematização) e *tokutei-no joji* (morfema de especificação). A primeira compreende os morfemas *wa* [marcador de tópico] e *mo* (também) e a segunda, os morfemas *shika* (somente), *hoka* (além de), *koso* (é que), *dake* (somente), *bakari* (somente), *made* (até), *gurai* (ao menos), *demo* (até mesmo), *sae* (até mesmo), *sura* (até) etc.

os termos: *kichi-no jôhô* ou *furui information* (informação dada/velha) e *michi-no jôhô* ou *atarashii information* (informação desconhecida/nova).

É relevante o fato de que foi Matsushita quem introduziu, pela primeira vez, o conceito de informações dadas e novas para explicar a diferença de uso dos morfemas *wa* e *ga* da língua japonesa.

3.3. Motoki Tokieda (1950)

Motoki Tokieda (1950), chamando a atenção para a importância de compreender a situação do locutor no momento de escolher tanto os auxiliares verbais como os morfemas da língua japonesa, classifica os morfemas em subcategorias: *kaku-wo arawasu joshi* (morfemas de caso), *gentei-wo arawasu joshi* (morfemas de limitação), *setsuzoku-wo arawasu joshi* (morfemas conjuntivos) e *kandô-wo arawasu joshi* (morfemas que indicam emoção). O lingüista (cf. 1950, pp. 219-222) classificou o morfema *wa* tanto em *kaku-wo arawasu joshi*¹⁸ como em *gentei-wo arawasu joshi*, estabelecendo que os da primeira subcategoria “são morfemas que, dentre os reconhecimentos do locutor com relação ao conteúdo referencial (*kotogara*), expressam o reconhecimento da relação entre um conteúdo referencial e outro, razão pela qual não possuem noção de emoção e a maioria pode ser considerada como sendo expressões de pensamentos lógicos” (*idem*, p. 219). Os morfemas de limitação, por sua vez, “apresentam expressões diferentes para diferentes reconhecimentos do fato por parte do locutor” (*idem*, p. 221). Tokieda ainda acrescenta que, nessa segunda subcategoria, os morfemas expressam expectativa, avaliação, satisfação etc. do locutor.

Nota-se que, para Tokieda, o morfema *wa* pertence às duas subcategorias. A identificação da classe gramatical do *wa* baseia-se no(s) reconhecimento(s) do locutor com relação ao conteúdo referencial, ou seja, se não houver nenhuma divergência de opiniões entre os locutores, com relação ao conteúdo referencial, o *wa* será classificado como morfema de caso, caso contrário, será tratado como morfema de limitação.

Eis os exemplos¹⁹ de cada subcategoria, levantados por Tokieda (1950, pp. 219-222):

(23) *Man'yôshû-wa kashûde aru.* (*kaku-wo arawasu joshi* [morfema de caso])
[O *Man'yôshû* é uma antologia poética.]

(24) *Kô-wa benkyôshite iru.* (*gentei-wo arawasu joshi* [morfema de limitação])
[O senhor “A” está estudando.]

O conteúdo referencial, no enunciado (23) (“o *Man'yôshû* ser uma antologia poética”), é um fato universal, independentemente das opiniões subjetivas dos locutores, porque, por exemplo, nem o nome e nem seu gênero mudam. Por outro lado, o conteúdo

18. Modernamente, considera-se que o morfema *wa* não é um *kakujoshi*, mas sim um *fukujoshi* ou *kakarijoshi*.

19. Grifo nosso.

referencial, no enunciado (24) (“*Kô* estar estudando”), já não será um fato universal, pois dependendo da pessoa que vê o *Kô*, terá outras possibilidades referentes à ação dele, além de estudar, isto é, ao contrário do enunciado (23), poderá haver divergência de opiniões (“diferentes reconhecimentos”, como diz Tokieda), com relação ao conteúdo referencial. É por essa razão que o autor classificou o *wa* do exemplo (23) como sendo *kaku-wo arawasu joshi* (morfema de caso).

Percebe-se que, com relação à classificação do morfema *wa*, a teoria de Tokieda é diferente daquela proposta por Yamada. Viu-se que para Yamada, independentemente do(s) reconhecimento(s) do locutor com relação ao conteúdo referencial, o morfema *wa* é *kakarijoshi* (morfema de efeito modalizador), possuindo a força predicativa de enunciação (a função de concluir os enunciados) e o sentido de asserção enfática, caso o enunciado finalize com a forma terminativa (*shûshikei*). Para Yamada, o exemplo (23) levantado por Tokieda contém a subjetividade do locutor, já que esse enunciado possui o *wa*, e, ao mesmo tempo, finaliza com a forma terminativa.

Tokieda ainda explica que o morfema *wa*, no enunciado (23), não possui o sentido de distinguir um fato de outros (isto é, o de contraste), como ocorre no (24). Porém, dependendo do contexto situacional, o *wa* do exemplo (23) também poderá desempenhar a função de morfema de limitação, como mostra o exemplo abaixo (exemplo nosso):

(25) *Man'yôshû-wa kashûde aruga, Heikemonogatari-wa kashûde-wa nai.*

[O *Man'yôshû* é uma antologia poética, mas o *Heikemonogatari* (as narrativas do clã *Taira*) não é.]

No exemplo acima, parece óbvio, pelo contexto²⁰, que o locutor está contrastando a obra *Man'yôshû* com *Heike*.

Levando em consideração a teoria proposta por Tokieda, concernente à classe gramatical a que pertence o morfema *wa*, percebe-se que há dois critérios distintos: a definição dos níveis de “reconhecimentos do locutor” com relação ao conteúdo referencial; a definição do valor semântico de *wa* com relação a seu sentido de comparação/contraste. Embora nos pareça que esses pontos não se encontrem explicados de forma explícita, foi Tokieda quem trouxe uma nova visão para a classificação do morfema *wa* da língua japonesa.

3.4. Kanae Sakuma (1952)

Para uma melhor compreensão da teoria sobre o *wa*, proposta por Kanae Sakuma (1952), convém considerar, primeiramente, os dois conceitos referentes ao tópico: *wadai-no ba* (contexto do tópico discursivo/*thetic judgment*); *kadai-no ba* (contexto do tópico sentencial/*categorical judgment*)²¹.

20. Quanto à função de contraste, ver Mikami (1953), Kitahara (1981), Teramura (1991), entre outros.

21. Os termos “tópico discursivo” e “tópico sentencial”, aqui utilizados, são aqueles introduzidos por Brown e Yule (1983). Segundo Lambrecht (1994), a distinção “*thetic judgment* (julgamento prescrito, estabelecido, arbitrário, dogmático)” e “*categorical judgment* (julgamento categórico, absoluto, explícito)”,

Eis o primeiro conceito definido pelo autor (1952, pp. 201-202):

(26)

Quando se vai enunciar um acontecimento, será preciso, primeiramente, estabelecer-se uma atmosfera. Será preciso predeterminar, ainda que de forma geral, a esfera de abrangência do enunciado, isto é, em termos formais, do que se trata o assunto enfocado. [...] Quando for dado um tópico discursivo, será delimitada naturalmente a esfera da ação mental e do processo mental de construção da imagem [...]. Pode-se denominar a ação de estabelecer essa esfera e de apresentá-la, de “*estabelecimento do tópico discursivo (wadai-no settei)*” ou *apresentação do tópico discursivo (topiku-no teishutsu)*. A esfera, estabelecida dessa forma, constrói o contexto que induz cada enunciado ou julgamento no processo mental de construção da imagem. Trata-se do *contexto do tópico discursivo (wadai-no ba)* [...] (Sakuma, 1952, pp. 201-202).

Quanto ao segundo conceito, o autor (1952, p. 202) diz:

(27)

[...] caso se trate de assuntos abstratos tais como explicação de conteúdo, elucidação de uma razão, [...] não se necessitará determinar o tempo nem o lugar, como ocorre com o enunciado de um acontecimento, mas, será preciso apresentar um tema para elucidar o limite (esfera razoável) do enunciado e de julgamento, dentro do qual o assunto está compreensível/lógico. [...] Pela apresentação do tema, estabelece-se um “*contexto do tópico sentencial (kadai-no ba)*” O estado tenso da circunstância, provocado pela apresentação do tema (questão) [*kadai*] será dissipado somente depois de surgir um comentário (*kaisetsu*) com uma resposta adequada (Sakuma, 1952, p. 202).

Pode-se considerar que o primeiro conceito (*wadai-no ba* [contexto do tópico discursivo]) está relacionado aos enunciados referentes à descrição de impressão ou de fenômeno, a partir do componente “Quando se vai enunciar um acontecimento”, em oposição aos enunciados abstratos.

Nota-se que, nesse primeiro conceito, Sakuma está se referindo ao ato de fala, enfocando o processo mental dos interlocutores. Para que a conversa não se desenvolva incoerente e desordenadamente, introduz-se um tópico discursivo, isto é, limita-se a esfera da ação mental dos interlocutores, a qual constitui um contexto do tópico discursivo. Já que este fica estabelecido no início da conversa, sem entendê-lo, será difícil acompanhar o assunto, podendo-se dizer que ele tem a função equivalente à da palavra-chave na conversa.

por sua vez, foi, primeiramente, introduzida pelo filósofo do século XIX Brentano. Quanto aos dois termos, Lambrecht (1994, p. 139) afirma: “*the categorical judgment [...] involves both the act of recognition of a subject and the act of affirming or denying what is expressed by the predicate about the subject. [...] The logical structure of the categorical judgment can be represented as ‘A is B’ or ‘A is not B’ [...] In contrast, thethetic judgment involves only the recognition or rejection of some judgment material, without predicating this judgment of some independently recognized subject. Its basic logical structure is ‘A is’ or ‘A is not’*”.

O segundo conceito (*kadai-no ba* [contexto do tópico sentencial]), por sua vez, está relacionado aos enunciados abstratos, os quais são diferentes dos que descrevem somente um acontecimento/fato. Quando o locutor se referir a um conteúdo semântico, ser-lhe-á exigido apresentar o tema, para que o assunto fique compreensível/lógico. Em outras palavras, o locutor, apresentando uma dada questão como tema, julga esse tema/ questão na parte considerada comentário/resposta. Pode-se dizer que o tema e o comentário estão inter-relacionados, isto é, interdependentes, já que a tensão provocada pela apresentação do tema não será dissipada até surgir um comentário referente a esse tema, como se viu no segundo conceito.

O autor (1952, p. 220) designou o morfema *wa* de *tokusetsu-no joshi* (morfema de esclarecimento particular)²², ressaltando que aquilo que é introduzido pelo *wa* de *tokusetsu* “é o que está selecionado e apresentado em particular dentre todos os elementos”, como se pode observar no exemplo²³ abaixo:

(28) Watashi-wa honkai-no rijidesu. [Eu sou diretor da nossa companhia.]
 Tema Comentário

Neste caso, podemos dizer que “*watashi* (eu)” foi selecionado e apresentado *particularmente* dentre os membros da diretoria dessa companhia, ou seja, mesmo existindo outros diretores, o locutor não está fazendo referência a eles.

Sakuma (1952, p. 222) afirma que o morfema *wa* de *tokusetsu* possui a função de estabelecer o contexto do tópico sentencial (*kadai-no ba*), acrescentando: por meio do uso do morfema *wa* de *tokusetsu*, “apresenta-se algo, limitando a esfera do enunciado ou de julgamento, em que o assunto/comentário está compreensível/lógico. Como se estabelece o contexto do tópico sentencial (*kadai-no ba*), ignoram-se outros assuntos e ‘suspende-se o julgamento’ referente a esses outros”²⁴. Nota-se que, para Sakuma, o *wa* de *tokusetsu* estabelece o contexto do tópico sentencial, através do qual o locutor apresenta um tema isoladamente, sem sugerir os demais e julga esse tema na parte do comentário.

3.5. Akira Mikami (1953; 1960)

Akira Mikami (1960, p. 8), conhecido por sua “teoria da abolição do sujeito gramatical”²⁵, afirma que a função principal do *wa* (*wa-no honmu*) é concluir uma frase,

22. Contrastando dois componentes, como, por exemplo, “*Kô-wa shikajikade, Otsu-wa shikajikada* (*X* é tal e *Y* é tal)”, pode-se designar esse *wa* como *bunsetsu* (esclarecimento parcial), conforme propõe Sakuma (1952, p. 220). Neste caso, pode-se considerar que tanto “*X*” como “*Y*” estão apresentados *parcialmente* no enunciado. Este conceito foi desenvolvido, posteriormente, por Mikami (1953), que o denominou *bubun teijihô* (apresentação parcial) (cf. item 3.5).

23. Grifo nosso.

24. No caso do morfema *mo* (também), Sakuma afirma que, mesmo tendo a função de apresentar algo como *wa*, o *mo* (também) não limita a esfera do enunciado ou de julgamento, de forma clara, já que sugere a coexistência da mesma espécie de assunto em questão. Cf. Sakuma, 1952, pp. 222-223.

25. Cf. Mikami, 1953, p. 93.

correspondendo à concatenação final. Cabe lembrar que esta teoria é semelhante à de Yamada (1922; 1950) que estabeleceu o conceito de força predicativa de enunciação, isto é, a função de domínio sobre o *chinjutsu* (asserção/concatenação final).

Para Mikami, a função secundária do *wa*, por sua vez, é atribuir a função de apresentar o tema aos componentes de casos, tais como os casos acusativo, dativo, locativo, genitivo²⁶ etc. Vejamos dois exemplos²⁷ levantados por Mikami (1960, p. 9):

(29) *Chichi-wa, kono hon-wo katte kuremashita.*
 Suj./Tema OD Pred.

[O meu pai comprou este livro para mim.]

(30) *Kono hon-wa, chichi-ga katte kuremashita.* (Substituição do caso acusativo *wo*)
 Tema Suj. Pred.

[Este livro, o meu pai comprou para mim.]

[Obs.: Suj. = Sujeito gramatical; OD = Objeto direto; Pred. = Predicado.]

No caso do exemplo (29), o tema (tópico sentencial) coincidiu com o sujeito gramatical²⁸, enquanto no caso do (30), o objeto direto, sendo anteposto ao sujeito gramatical, foi topicalizado e por consequência, o morfema de caso acusativo *wo* foi substituído pelo morfema *wa*. Mikami chamou essa função de “*wa-no kenmu* (a função adicional de *wa*, isto é, desempenhar mais de uma função ao mesmo tempo)”

Quanto ao componente “X-*wa*”, Mikami (1953) denominou-o de *teijigo* (vocábulo de apresentação) e chamou o elemento “X” de *shudai* (tema) ou *fukudai* (sub-tema).

Eis dois exemplos²⁹ levantados pelo teórico (1953, p. 200) para destacar a distinção entre tema e sub-tema:

(31) *Kyô-wa watashi-wa ikanai.* (*Hoka-no hito-wo sasotte kure.*)
 Tema Sub-tema

[Eu (quanto a mim), não vou hoje. (Por favor, convide outra pessoa.)]

26. Mikami foi, posteriormente, criticado por Kitahara (1981) pelo fato de ter afirmado que o morfema *wa* atribui a função de tema também ao caso genitivo *no*. Segundo Kitahara (1981, p. 248), em relação à natureza dos morfemas de caso, “há uma diferença nítida entre o subgrupo dos morfemas *ga, ni, wo* etc. e outro subgrupo do morfema *no*, razão pela qual o primeiro subgrupo é do *ren'yô kakujoshi* (morfemas de caso que concatenam um nome a um verbo/adjetivo), enquanto o segundo é do *rentai kakujoshi* (morfema de caso que concatena um nome a outro nome). O morfema *wa* não possui a função de formar uma oração adjetiva, pois o componente “X-*wa*” está relacionado ao predicado”

27. Mudamos as sublinhadas originais para salientar a inversão do objeto direto que ocorreu no exemplo (30).

28. Brown e Yule (1983, p. 70) apontaram que, também no caso do inglês, o tópico sentencial pode coincidir com o sujeito gramatical. Ex. *John / ran away*.

29. Grifo nosso.

(32) *Watashi-wa kyô-wa ikanai. (Asu-ni shite hoshii.)*

Tema Sub-tema

[Eu, hoje, não vou. (Gostaria que deixasse para amanhã.)]

Mikami (1953, p. 200) explica que “*Kyô-wa*” do enunciado (31) e “*Watashi-wa*” do (32) constituem o tema, enquanto “*watashi-wa*” de (31) e “*kyô-wa*” de (32) constituem sub-temas, ressaltando: “o sub-tema, que depende do esquema de apresentação parcial (*bubun teijihô*), em geral, engloba a noção de *taihi* (comparação/contraste)”. Nota-se, então, que o primeiro *wa* da frase possui a função de tema, enquanto o segundo, a de comparação/contraste. De fato, as frases dentro de parênteses não precisam ser enunciadas pelo locutor em função do segundo *wa*, isto é, pode-se dizer que a ordem dos componentes ligados ao *wa* e o próprio morfema *wa* acarretam efeitos de sentidos diferentes. Em relação a este fenômeno, Tanbo (1986, p. 19) afirma: “quanto mais adiante surgir o ‘*wa*’, este perderá a natureza de tema, tomando o sentido de comparação/contraste ou ênfase”

Quanto à estrutura composta de *shudai* (tema) e *kaisetsu* (comentário), Mikami (1953, p. 81) afirma: “o tema contém informação dada (*kichi*) e seu caráter é passivo; o comentário, por sua vez, contém informação nova (*michi*) e seu caráter é ativo, pois o ponto mais importante encontra-se no comentário. Por isso, o comentário sem tema é ainda significativo, mas o tema sem comentário é totalmente inócuo”³⁰. A teoria proposta por Mikami baseia-se no fato de que o foco do enunciado se encontra no comentário, porque este conforma informações novas, cujo caráter é relevante para o destinatário.

3.6. Minoru Watanabe (1971)

Minoru Watanabe (1971) aborda, em sua obra *Kokugo kôbunron (Teoria Sintática da Língua Japonesa)*, o morfema *wa*, do ponto de vista morfossintático. Watanabe (1971, p. 173) designa apenas os morfemas *wa* e *mo* como *kakarijoshi* na língua moderna³¹ e afirma que “os *kakarijoshi* possuem sentido de ênfase, [...] juntam-se ao *ren’yô seibun*³² (componentes [palavras, locuções] que restringem ou complementam o sentido do predicado), mas não se juntam ao *rentai seibun*³³ (componentes que restringem ou complementam a noção de um nome)”

30. Este conceito de Mikami é semelhante à noção de “dinamismo comunicativo”, introduzida por Firbas (1964), da Escola Funcionalista de Praga, para quem o tema realiza o grau mais baixo e o rema, o grau mais alto do dinamismo comunicativo.

31. Cf. Watanabe, 1971, p. 175.

32. Para Watanabe (1971, p. 159), o *ren’yô seibun* compõe-se dos três componentes: *taigen + ren’yô joshi* [nomes + morfema de caso que concatena um *taigen* a um *yôgen*]; *yôgen-no ren’yôkei* [*yôgen* na forma de ligação adverbial ou verbal]; *ren’yô fukushi* [vocábulo que restringe ou completa o conceito de um *yôgen* ou de um outro complemento verbal, desempenhando uma função adverbial. Ex. *totsuzen* (subitamente), *mô* (já), *tokidoki* (às vezes) etc.]. Os *ren’yô fukushi* corresponderiam aos advérbios em português.

33. Para Watanabe (1971, p. 192), o *rentai seibun* compõe-se dos três componentes: *taigen + rentai joshi* [nomes + morfema de caso genitivo *no*]; *yôgen-no rentaikei* [*yôgen* na forma adjetiva que se liga a nomes]; *rentai fukushi*, ou seja, *rentaishi* [vocábulo que restringe ou completa o conceito de um nome,

Eis dois exemplos³⁴ dados por Watanabe (1971, p. 173):

(33) *Nagasaki-e-wa kon'ya shucchô suru.*

Ren'yô seibun

(substantivo próprio + morfema de caso que indica direção *e + wa*)

[Para Nagasaki, vou, a serviço, esta noite.]

(34) *³⁵*Furansugo-no-wa hon*

Rentai seibun

(substantivo + morfema de caso genitivo *no +wa*)

[um livro em francês]

Conforme os exemplos acima, fica claro que o morfema *wa* não se liga, diretamente, ao *rentaisetsu* (complemento nominal, adjunto adnominal ou oração adjetiva etc.)³⁶ como no exemplo (34), mas sim ao *ren'yôsetsu* (complemento verbal)³⁷ como no (33).

Quanto ao emprego do morfema *wa*, o autor (1971, p. 176) afirma que “os *kakarijoshi* têm a função de incidir sobre o *chinjutsu* (*modus*; modalização)³⁸ [...], ou seja, os *kakarijoshi* são morfemas que acrescentam a função secundária e complementar ao *ren'yô seibun*, isto é, a relação com a modalização” Watanabe utilizou o termo “função complementar” porque os *kakarijoshi* não estão relacionados, diretamente, à própria formação do *ren'yô seibun*, mas acrescentam o valor semântico de ênfase ao *ren'yô seibun*.

É importante observar que Watanabe, mesmo analisando as frases do ponto de vista mais morfosintático, afirmou que o morfema *wa* não incide sobre a dimensão do *dictum*, mas sim sobre a do *modus*³⁹, enquanto os teóricos anteriores ressaltaram, segundo um ponto de vista mais semântico, que o locutor exprime seu julgamento por meio da utilização do morfema *wa*.

3.7. Susumu Kuno (1973; 1978)

Susumu Kuno (1973, pp. 30-31) definiu as funções do morfema *wa*: “há somente um único tema em uma frase. Se aparecer dois ou mais *wa* na frase, apenas o primeiro

desempenhando uma função adjetiva. Ex. *kono* (este), *kon'na* (deste tipo) etc. Em português, corresponderiam aos pronomes adjetivos demonstrativos etc.].

34. Grifo nosso.

35. O sinal * significa que o componente é agramatical.

36. O *rentaisetsu* corresponderia ao *rentai seibun* de Watanabe. O *rentaisetsu* possui a função de complemento nominal, adjunto adnominal ou oração adjetiva etc.

37. O *ren'yôsetsu* corresponderia ao *ren'yô seibun* de Watanabe. O *ren'yôsetsu* possui a função de complemento verbal.

38. Para Yamada (1936), o *chinjutsu* compreende a asserção do locutor ou a concatenação final dos enunciados, enquanto, para Watanabe (1971), refere-se ao *modus* (modalização). A estrutura dos enunciados tanto da língua japonesa como da maioria das línguas ocidentais compõe-se de duas dimensões: o *dictum* (proposição) e o *modus* (modalidade), os quais exprimem, respectivamente, o conteúdo objetivo do enunciado e a atitude subjetiva do locutor. Cf. Fukasawa, 1991 (tese de doutorado).

39. Haga (1978) também apresenta a noção semelhante à de Watanabe. Cf. item 3.8.

wa possui a função de tema e os demais, a de contraste” Reexaminando posteriormente essa definição, o mesmo gramático (1978, pp. 312-313) redefiniu o tema: “o sintagma adverbial de tempo e de lugar pode constituir o tema da frase, independentemente do tema seguido pelo sujeito gramatical ou pelo objeto direto. Portanto, é preciso dizer que um único enunciado poderá apresentar três temas”

Nota-se que a definição antiga do autor é semelhante à de Mikami (1953), que considerou o primeiro *wa* que surge na frase como *shudai* (tema) e o segundo como *fukudai* (sub-tema), cuja função é a de contraste.

Conforme a nova teoria de Kuno (1978) sobre o tema, os três componentes sublinhados no seguinte exemplo⁴⁰ (1978, p. 101) tornar-se-ão o tema da frase:

(35-a) *Kinô*, *gakkô-de*, *kimi-wa*, *Hanako-kara kôginôto-wo karimashita-ka.* ([13A] de Kuno)

[Ontem, na escola, você pediu emprestado de Hanako o caderno de anotações das aulas?]

Segundo Kuno (1978), os componentes do sintagma adverbial também podem constituir o tema da frase, como mostra o exemplo acima, mesmo que não sejam acompanhados do morfema *wa*. Resta, porém, ainda uma dúvida. Eis o seguinte exemplo:

(35-b) *Kimi-wa*, *kinô*, *gakkô-de*, *Hanako-kara kôginôto-wo karimashita-ka.*

[Você, ontem, na escola, pediu emprestado de Hanako o caderno de anotações das aulas?]

No exemplo (35-b), vê-se que o componente acompanhado do *wa* (*Kimi-wa*) encontra-se anteposto aos componentes do sintagma adverbial de tempo e de lugar, enquanto, no exemplo (35-a), o componente “*Kimi-wa*” foi posposto a eles. O autor não define se podemos considerá-los como tema. Neste artigo, portanto, somente quando eles forem colocados no início da frase, como mostra o exemplo (35-a), tratamo-los como tema.

Vale mencionar que Kuno (1973) é um dos gramáticos que analisa os morfemas *wa* e *ga* do ponto de vista da função das informações dadas (*furui information*) e novas (*atarashii information*), afirmando que o morfema de caso *ga* está ligado à função das informações novas, ou seja, das informações não-previsíveis a partir do contexto⁴¹.

Quanto às informações dadas, o autor (1973, pp. 217-218) afirma que “o componente ‘sujeito gramatical + *wa*’ nem sempre contém informações dadas” levantando os seguintes exemplos⁴²:

(36) *Kyô-wa*, *eigo-no daimeishi-no hanashi-wo itashimashô.*

[Hoje, gostaria de falar sobre os pronomes da língua inglesa.]

40. Grifo nosso.

41. Cf. Kuno, 1973, p. 210.

42. Grifo nosso.

(37) *Watashi-ni-wa san'nin-no musuko-ga iru. Chôn-an-wa kaishain, jinan-wa daigakukyôshi, san'nan-wa ginkômande aru.* ([5ii] de Kuno)

[Eu tenho três filhos. O mais velho é empregado de uma companhia, o segundo é professor universitário e o caçula é bancário.]

Para Kuno, as palavras sublinhadas acima (nos exemplos 36 e 37) constituem informações novas e não-previsíveis. Porém, “*Kyô-wa*” do exemplo (36), de fato, contém uma informação compartilhada tanto pelo locutor quanto pelo destinatário, e as três palavras sublinhadas no exemplo (37), por sua vez, constituem informações recuperáveis a partir do primeiro enunciado.

Koch e Travaglia (1998, p. 64) consideram as entidades conhecidas ou dadas como: “1. aquelas que constituem o co-texto, isto é, que são recuperáveis a partir do próprio texto; 2. aquelas que fazem parte do contexto situacional, isto é, da situação em que se realiza o ato de comunicação; 3. aquelas que são de conhecimento geral em dada cultura; 4. as que remetem ao conhecimento comum do produtor e do receptor”

Eis os exemplos apresentados por Koch e Travaglia (1998, p. 64), referentes a cada uma dessas entidades:

- (38-1) Ontem estive com o marido de sua irmã. *Ele* me contou que você e *ela* vão viajar para o exterior. (co-texto)
- (38-2) Pegue *essa xícara vermelha* e coloque-a ali. (contexto situacional)
- (38-3) Em 15 de novembro, teremos eleições para *presidente*. (conhecimento geral)
- (38-4) Hoje é dia de pagar *o carnê*. (conhecimento comum) ([39] a [43] de Koch & Travaglia)

Nota-se que os exemplos (36) e (37) de Kuno (1973) correspondem, respectivamente, aos de número (38-2) e (38-1) apresentados por Koch e Travaglia (1998), isto é, o componente “*Kyô-wa*” no exemplo (36) de Kuno constitui uma informação compartilhada a partir do contexto situacional, e as três palavras em (37) do exemplo de Kuno, informações recuperáveis a partir do enunciado anterior. De acordo com a postura de Koch e Travaglia, podemos considerar, então, os elementos enfocados nos exemplos de Kuno como informação dada.

3.8. Yasushi Haga (1978)

Yasushi Haga (1978, p. 198) denominou o morfema *wa* de *teiji joshi* (morfema de apresentação) e incluiu nesta categoria, os seguintes morfemas: *wa* [marcador de tópico], *mo* (também), *sae* (até mesmo), *koso* (é que), *shika* (somente) e *demo* (até mesmo), definindo-os da seguinte maneira:

(39)

Os morfemas conjuntivos e de caso têm a função de ligar um conteúdo referencial (*kotogara*) a outro. Geralmente, a maioria desses morfemas assume a função de “relacionar” um *dictum* a outro para acumulá-los. Em contrapartida, os morfemas de apresentação (*teiji joshi*), por sua vez, têm por função acrescentar ao enunciado, além do conteúdo referencial, a impressão

do locutor ou a sua subjetividade. Trata-se dos termos complementares (*fuzokugo*) que refletem a atitude em que o locutor topicaliza (apresenta) um determinado conteúdo referencial com enfoque, distinguindo-o de outros (Haga, 1978, p. 198).

Nota-se que a teoria de Haga é semelhante à de Watanabe (1971), porque ambos os autores abordam o morfema *wa* do ponto de vista da construção dos enunciados em *dictum* e *modus* (cf. nota 38). Mais uma vez, é preciso retomar aqui os conceitos dos dois termos para a melhor compreensão da teoria apresentada por Haga. O *dictum* diz respeito ao universo do conteúdo proposicional objetivo, enquanto o *modus*, às “expressões lingüísticas extra-*dictum*, que determinam as relações enunciativas realizadas entre interlocutores, mediante atualização de suas subjetividades e intersubjetividades persuasivas [...]”⁴³.

Levando em consideração esses conceitos, Haga, em sua teoria, considerou os morfemas de apresentação (*teiji joshi*) não apenas como elementos que estabelecem sua posição sintática dentro do conteúdo proposicional objetivo (*dictum*), mas também como aqueles que exprimem a subjetividade (*modus*) do locutor.

A função do *teiji joshi* é a de apresentar (topicalizar) um componente com ênfase/ destaque, individualizando-o de modo particular. Haga (1978, p. 199) ressalta que, dentre os morfemas de apresentação, “principalmente, o morfema *wa* tem a função de topicalizar um dado elemento como tópico sentencial, fazendo surgir um elemento que se poderá denominar *daimokugo* (vocábulo de tema)”

Observemos um exemplo dado pelo autor (1978, p. 198):

(40) *Koko-ni-wa, imasen-ze.* (= *Hokano tokoroni naraba iza shirazu.....*)

[Aqui, (a pessoa que você está procurando) não está. (= Quem sabe, deve estar em outro lugar.....)]

Segundo a teoria de Haga, no enunciado (40), o locutor está apresentando (topicalizando), para o destinatário, a palavra “aqui” enfatizando-a como tópico sentencial e acrescentando, ao conteúdo referencial, uma atitude subjetiva. Por isso, caso o locutor enuncie a frase (40) sem o morfema *wa*, a frase tornar-se-á menos subjetiva, sem tópico sentencial.

Pode-se concluir, então, que, como apontaram Watanabe e Haga, o *wa* está ligado ao *mood* (modalidade). Noda (1995) afirmou posteriormente que o morfema *wa* de tema está relacionado com a dimensão da modalidade ilocucional⁴⁴, e o *wa* de contraste, com a da afirmação/negação.

43. Lídia Masumi Fukasawa, *O Sistema de Estruturação das Modalidades na Língua Japonesa – Os Auxiliares Verbais e os Morfemas Finais*, São Paulo, Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1991, p. 210.

44. A ilocução (*jítai-ni taisuru mood*) constitui uma relação de subjetividade entre o locutor e o conteúdo referencial, e a perlocução (*kikite-ni taisuru mood*), por sua vez, uma relação de subjetividade entre o enunciador e o enunciatário. Cf. Noda, 1995, pp. 1-35.

3.9. Susumu Ôno (1978)

Susumu Ôno (1978, p. 24) ressalta que o morfema *wa* está relacionado, na estrutura informacional, com a função das informações dadas (*kichi*)⁴⁵ e o morfema *ga* com a das novas (*michi*), afirmando que os enunciados em japonês compõem-se das seguintes quatro combinações dessas funções (cf. esquema [41]):

(41)

- 1) informação dada (ID) + informação nova (IN);
- 2) informação dada (ID) + informação dada (ID);
- 3) informação nova (IN) + informação dada (ID);
- 4) informação nova (IN) + informação nova (IN).

Vejam, aqui, três exemplos referentes ao item 1 acima (1978, pp. 25-26)⁴⁶:

(42) Anata-wa (ID) dare desuka (IN). [Quem é você?]

(43) *Dare-wa (?IN/ID) iruka (IN). [Quem está?]

(44) Chikyû-wa (ID) marui (IN). [A Terra é redonda.]

Segundo Ôno (1978, p. 32), o componente “X + *wa* (ID)”, principalmente, pede que sigam, depois, informações novas, como mostra o enunciado (42) e o “X” introduzido por *wa* não pode conter elementos interrogativos, tais como *dare* (quem), *doko* (onde), *dore* (qual), *nani* (o que), *itsu* (quando) etc.

No exemplo (43), vê-se um fenômeno contraditório: a natureza dos interrogativos é a de introduzir informações novas, enquanto o morfema *wa* se liga aos componentes que contêm informações dadas para o destinatário. É por essa razão que o enunciado (43) é agramatical, sendo a forma correta “*Dare-ga iruka*”

Quanto ao “X-*wa* (ID)” no enunciado (44), Ôno (1978, p. 26) afirma que no lugar de “X” podem surgir, por exemplo, objetos comuns ou proposições científicas (ex. $2 \times 3 = 6$), sendo estes tratados como um objeto/fato universal.

Partindo da análise dos exemplos acima, Ôno (1978, p. 27) estabelece as funções do morfema *wa*: “pelo componente ‘X-*wa*’, apresenta-se uma questão e aí, interrompe-se a frase. Em seguida, acrescenta-se a explicação e julga-se a natureza/veracidade ou razão das coisas/fatos” Os postulados de Ôno lembram-nos Sakuma (1952), quando afirma que o morfema *wa* estabelece o contexto do tópico sentencial (*kadai-no ba*) (cf. item 3.4). As postulações dos dois autores podem ser sintetizadas na seguinte fórmula:

45. Quanto às razões de *wa* estar relacionado com a função das informações dadas, ver Ôno, 1978 (livro em japonês), pp. 24-31; Kitahara, 1981 (livro em japonês), pp. 253-257; Mukai, 2001 (artigo em português), pp. 135-144.

46. Exemplos referentes ao item 2 a 4, levantados por Ôno (1978, pp. 32-35): 2) Dôse nihonjin-wa (ID) nihonjinda (ID). [De qualquer maneira, os japoneses são japoneses (assim mesmo).] 3) Watashi-ga (IN) Ônodesu (ID). [Eu é que sou Ôno.] 4) Hana-ga (IN) saiteiru (IN). [As flores estão abertas. (Estão floridas.)]. (As abreviações e grifos são nossos.)

(45) X-*wa* (questão/tema) + Y (explicação/comentário) = Z (frase assertiva).

A fórmula (45) mostra que o componente “X-*wa*” constitui uma questão/tópico sentencial, e o componente “Y” uma explicação/comentário em relação ao componente “X”. Só depois de serem apresentados esses dois componentes é que se poderá formar uma frase assertiva (neste caso, “Z”). Em outras palavras, o tema apresentado em “X” pede a explicação/comentário no componente “Y” para concluir a frase em “Z”. Nesse sentido, pode-se dizer que, se o locutor apresentar um tema com o uso de *wa*, ser-lhe-á exigido dar um comentário adequado. Se não o fizer corretamente, o destinatário ficará esperando a conclusão da frase ou não ficará satisfeito com a frase enunciada pelo locutor⁴⁷.

3.10. Yasuo Kitahara (1981)

Yasuo Kitahara (1981, p. 263) é um dos gramáticos que analisa o morfema *wa* do ponto de vista da função das informações dadas (*kichi-no jôhô*) e assim define a essência do *wa*: “o ‘*wa*’ possui diversas funções, mas uma função comum em todas é a de ‘topicalização (*toritate*)’ [...] Na topicalização, há dois tipos: a topicalização de um elemento dentre elementos numerosos e indeterminados; e a topicalização de um elemento dentre elementos determinados e de número limitado. Em outras palavras, constituem a topicalização absoluta (*zettaitekina toritate*) e a topicalização relativa (*sôtaitekina toritate*)” Segundo o autor, a topicalização absoluta corresponde à função de tema (*daimoku, shudai* etc.) e a topicalização relativa, à de contraste (*taihi*), estando tanto a topicalização absoluta como a relativa ligadas à função de informações dadas:

(46a)

O tema é aquilo que será topicalizado, de forma absoluta, dentre os elementos indeterminados, ou seja, apenas aquilo que o locutor tenta topicalizar sem considerar os demais. Deve ser, portanto, constituído de informação dada. É evidente que não se pode tratar os elementos desconhecidos como tópico. Em resumo, ser tema significa, ao mesmo tempo, ser informação dada (Kitahara, 1981, pp. 267-268).

(46b)

A função de contraste, por sua vez, constitui a topicalização realizada dentre os elementos determinados e limitados para serem comparados, por isso, mesmo um elemento desconhecido será harmonizado globalmente com o(s) demais elemento(s) não-topicalizado(s) no contexto situacional, sendo, enfim, os dois elementos tratados como informações dadas (Kitahara, 1981, p. 270).

Vejamos alguns exemplos⁴⁸, apresentados por Kitahara (1981, pp. 268-269):

47. Cf. Sakuma, 1952, p. 202; Ôno, 1978, p. 29.

48. Grifo nosso.

- (47) *Inu-wa dôbutsude aru.* (Topicalização absoluta = TA)
 [Os Cachorros são animais.]
- (48) ??⁴⁹ *Otoko-wa gakuseida.* (TA)
 [??Os Homens são estudantes.]
- (49) ??*Takusan-no hito-wa kita.* (TA)
 [??Muitas pessoas vieram.]
- (50) *Takusan-no hito-wa kitaga, watashi-no shitteiru hito-wa konakatta.* (Topicalização relativa = TR)
 [Muitas pessoas vieram, mas as pessoas que eu conheço não vieram.]

Kitahara explica que no caso do enunciado (47), o componente “*inu-wa*” está sendo topicalizado dentre vários outros objetos e significa “quanto aos cachorros (falando-se de cachorros, de forma geral)” ressaltando que neste caso, o substantivo “*inu*” está sendo tratado como substantivo genérico (*sôshô meishi*), que pode constituir informação dada.

Por outro lado, no caso do enunciado (48), não podemos considerar “*otoko* (homem)” como substantivo genérico, pois todos os homens acabarão sendo estudantes. Mesmo assim, havendo algum contexto adequado, o enunciado (48) tornar-se-á aceitável (por exemplo, *aru otoko-to on'na-ga nihon-kara kita. Otoko-wa gakuseida.* [um certo homem e uma mulher vieram do Japão. O homem é um estudante.]) (exemplo nosso). Nota-se que o enunciado (48) será aceitável se considerarmos o componente “*otoko-wa*” como TR, mas não será aceitável como TA.

O enunciado (49) não é aceitável pela mesma razão que se verificou no enunciado (48). Sem o contexto, o componente “*takusan-no hito-wa*” não pode constituir informação dada, isto é, não pode ser tópico sentencial neste caso. Porém, dentro de um enunciado que contraste um componente com outro, como mostra o enunciado (50), os componentes tornar-se-ão aceitáveis e serão tratados como informações dadas. Vale lembrar que Kitahara (1981, p. 270) afirmou que “[...] mesmo um elemento desconhecido será harmonizado globalmente com o(s) demais elemento(s) não-topicalizado(s) no contexto situacional, sendo, enfim, os dois elementos tratados como informações dadas”

Segundo Kitahara, para um elemento poder ser tema, é necessário que esse elemento contenha informações dadas. Se não as contiver, isto é, se contiver somente informações novas, não poderá ter a função de tema, ou seja, de TA. Entretanto, mesmo que o elemento não contenha informações dadas, dentro de uma frase, na qual se contrasta um elemento com outro, os elementos serão considerados informações dadas e terão a função de contraste, isto é, de TR, como mostra a fórmula (51):

- (51) $X\{Y(\text{ID})\text{-wa}\} = \text{Tema; TA}$
 $??X\{Y(\text{IN})\text{-wa}\} = \text{Tema; TA}$
 $X_1\{Y(\text{IN} \rightarrow \text{ID})\text{-wa}\} + X_2\{Y(\text{IN} \rightarrow \text{ID})\text{-wa}\} = \text{Contraste; TR}$

[Obs.: X = um componente; Y = um elemento; ID = informações dadas; IN = informações novas; TA = topicalização absoluta; TR = topicalização relativa.]

49. O sinal “??” indica que o enunciado não é aceitável, mesmo sendo gramaticalmente correto.

3.11. Ken'ichi Tanbo (1986)

Ken'ichi Tanbo (1986, pp. 14-15) enfoca a função mais fundamental, ou seja, a essência do morfema *wa*: “o morfema *wa*, introduzindo uma pausa nas frases, faz concentrar a atenção nesse ponto e provoca uma tensão psicológica. [...] seus sentidos e empregos são os seguintes: exclusividade, comparação/contraste, tema, domínio sobre a asserção/concatenação final, indicação do objeto do julgamento, indicação das informações dadas, substituição de caso etc.”. Nota-se que esta definição é semelhante à de Sakuma (1952) e de Ôno (1978) que consideram o morfema *wa* como elemento que atribui uma pausa ao enunciado e provoca uma tensão. Tanbo afirma, em sua teoria, que esse fenômeno é a função mais fundamental do morfema *wa*.

Agora, vejamos um exemplo⁵⁰ de *taihi* (contraste) (1986, p. 16):

(52) *Ringo-wa tabemasu. (Taihi [contraste] / Kaku-no kenmu [substituição de caso])*

Contraste

[A maçã, vou comê-la. (mas não vou comer outra fruta/coisa.)]

Segundo Tanbo (1986, p. 16), neste caso, o morfema *wa* possui mais o sentido de *taihi* do que de *teidai* (tema), supondo-se que, “no caso de *wa* que indica *taihi*, o sujeito da ação/estado apresenta grau mais alto de natureza temática do que o objeto (*taishô*) da ação” No caso do exemplo (52), o *taishô* (objeto) da ação “comer” é *ringo* (maçã [objeto direto]) e o *shutai* (sujeito) da ação é “eu”

Entretanto, o seguinte caso é diferente (Tanbo, 1986, p. 18):

(53) *Ringo-wa watashi-wa tabeta. [A maçã, eu a comi.]⁵¹*

Tema Contraste

Tanbo explica que, caso haja mais de um *wa* na frase, o primeiro *wa* funciona como tema e o segundo, como contraste, porque o componente introduzido pelo primeiro *wa* concatena-se de forma mais intensa com o predicado⁵². Podemos retomar a afirmação do autor, mencionada no item 3.5, referente a este fenômeno: “quanto mais adiante surgir o ‘*wa*’, este perderá a natureza de tema, tomando o sentido de comparação/contraste ou ênfase” (Tanbo, 1986, p. 19).

Pelo exposto, verifica-se que Tanbo é um dos teóricos que prestou especial atenção às relações semânticas entre as funções de tema/contraste e sujeito/objeto da ação/estado.

3.12. Hideo Teramura (1991)

Hideo Teramura (1991, p. 41), classificando o morfema *wa* como *toritateshi* (vocábulo de topicalização), define-o: “o *wa* possui a função básica de causar um efeito contrastivo, ressaltando, em princípio, um (uns) elemento(s) na frase. Porém, o *wa* terá a

50. Grifo nosso.

51. Grifo nosso.

52. Cf. Tanbo, 1986, p. 19.

função de '(mero) tema [*shudai*]' quando ocorrerem os seguintes aspectos simultaneamente: caso não seja possível reconhecer, sob certa condição, a existência de outro par contrastivo, ou seja, um componente sugestivo; caso o locutor tenha intenção de somente concatenar o componente introduzido por *wa* com o predicado [*chinjutsu*], chamando a atenção do destinatário para o *wa*". Para Teramura, a função principal de *wa* é a de indicar contraste [*taihi*], e a secundária, a de indicar tema. Nota-se que a teoria de Teramura é diferente das definições dos teóricos que o antecederam. Continuaremos a ver a definição de Teramura (1991, p. 41) referente ao enunciado de estrutura "X-*wa* P":

(54)

O morfema *wa* na frase "X₁-*wa* P₁" tem a função básica de enunciar "quanto a X₁, será P₁" e, ao mesmo tempo, sugerir o enunciado contrastivo "quanto a X₂, será P₂", ou seja, proporcionar um sentido contrastivo. Dependendo da intuição do destinatário, surgirá o componente "X₂" a partir do "X₁" no enunciado "X₁-*wa* P₁". Para isso, há a pressuposição de que o destinatário compreende o "X₁" como um conjunto parcial [*bubun shûgô*] a partir do conjunto total [*zentai shûgô*]. O locutor topicaliza o "X₁" pressupondo tal conhecimento do destinatário (Teramura, 1991, p. 41).

Vejamos um exemplo apresentado por Teramura (1991, p. 42):

(55) *Yamaguchisan-wa oishandesu. Okusan-wa.....*
[O Sr. Yamaguchi é médico. Sua esposa é]

Nota-se que no exemplo (55), há dois enunciados. Teramura explica que o destinatário, ao ouvir o primeiro enunciado, interpretará o *wa* como tema, mas quando ouvir o segundo, preverá que o locutor estará se referindo, provavelmente, à profissão ou estado da esposa. Em outras palavras, pode-se dizer que, na maioria das vezes, dependerá do contexto o fato de o destinatário ter consciência de outro par contrastivo ou não. Se o destinatário a tiver, o *wa* será tratado como contraste. Em relação à consciência do destinatário, Teramura (1991, p. 42) afirma que depende também da intenção do locutor e do fluxo do discurso, denominando-os "condição discursiva [*danwahôteki jôken*]"

Além da condição discursiva, Teramura (1991, p. 67), analisando, do ponto de vista sintático-semântico, a natureza do elemento "X" do componente "X-*wa*" afirmou que os seguintes elementos são condições gerais para a função de contraste: 1. característica semântica do próprio "X" Por exemplo, são expressões compostas por duas ou mais palavras, tais como homem-mulher e quatro estações do ano, respectivamente; 2. substituição de caso⁵³ ou no caso de *wa* juntar-se a morfemas de caso; 3. posição do "X-*wa*" referindo-se, principalmente, ao segundo *wa* dentro de uma frase que possui mais de um *wa*. Teramura ainda considera que mesmo o componente "X-*wa*" tendo as condições gerais acima, nem sempre funcionará como contraste, razão pela qual a condição discursiva é predominante para a determinação da função de *wa*.

53. Cf. Mikami (1960) no item 3.5 e Tanbo (1986) no item 3.11.

Enfim, para Teramura, dependendo da condição discursiva, o conhecimento do destinatário⁵⁴ e as condições gerais para a função de contraste vistas acima, o destinatário terá consciência de outro par sugestivo, ou seja, outro par contrastivo “X₂” sugerido a partir do componente “X₁-wa”

3.13. Keizô Saji (1991)

Keizô Saji (1991) retoma o morfema *wa*, enfocando a análise de sua classe gramatical e examinando-o nos seus sentidos e empregos, em comparação com os de outros *fukujoshi* e *kakarijoshi*. O autor (1991, p. 171) define a função do morfema *wa* como segue:

(56)

O morfema “*wa*” apresenta aquilo que ele unifica/modifica (concatena) para aquele determinado contexto situacional (*hanashi-no ba*) como premissa (*zentei*) do rema (*jojutsu*) e limita a esfera do rema. O tema (*shudai*) é aquilo que se encontra apresentado como a premissa maior (*daizentei*) de uma frase e o *shudai* se liga ao rema inteiro, modificando, portanto, toda a frase. [...] Além disso, o “*wa*” pode apresentar uma parte do rema como a premissa menor (*shôzentei*), podendo surgir mais de uma vez numa frase. Aquilo que é apresentado como *shôzentei* inclui uma relação contrastiva com os demais elementos da mesma espécie (Saji, 1991, p. 171).

Nota-se que a primeira parte da definição proposta por Saji corresponde à definição de *kakarijoshi* apresentada por Yamada (1922), e ao *daimoku* de Matsushita (1930). A segunda parte equivale à noção de *taihi* (contraste) proposta por Mikami (1953) e Tanbo (1986), dentre outros. Mesmo assim, Saji não denominou o morfema *wa* de *kakarijoshi* nem de *daimoku*, como o fizeram os teóricos anteriores. O autor o denominou “*zentei joshi* (morfema de premissa)” dando maior importância a uma de suas funções semânticas “*jojutsu-no zentei*” (premissa do rema).

Os conceitos de *daizentei* e *shôzentei* de Saji são semelhantes aos de Fávero (1997, p. 94): “supertópico, que abrange um conjunto de tópicos que por sua vez podem subdividir-se em subtópicos que correspondem a níveis menores de particularização do assunto em relevância”. Parece-nos ficar claro, portanto, que o *daizentei* e *shôzentei* correspondem, respectivamente, ao supertópico e ao subtópico.

Vejamos um exemplo⁵⁵ levantado por Saji (1991, p. 168):

(57-a) Watashi-wa kinô-wa kenkyûshitsu-e-wa ikanakatta.
 P1 P2 P3

[Eu não fui à sala de estudos ontem.]
 P1 P3 P2

54. Teramura (1991, pp. 42-43) afirma que há dois tipos referentes ao conhecimento do destinatário: conhecimento semântico sobre o próprio vocábulo; conhecimento pragmático sobre o *background* cultural.

55. Os números e grifos são nossos.

componente “X-*wa*”) contendo informações dadas, o morfema *wa* não será necessariamente utilizado pelo escritor/narrador por causa da sua estratégia de *staging*. O que vale ressaltar é a importância da intenção do escritor/narrador nas narrativas: em geral, se uma personagem aparece em cena uma vez, os leitores consideram-na, do ponto de vista da estrutura informacional, como informação dada, mas quando o escritor/narrador achar desnecessário tematizá-la na cena, o morfema *wa* não será utilizado, mesmo que este estabeleça a coesão e a coerência do texto, como se viu acima.

Pode-se dizer, portanto, que a narrativa flui, através da estratégia de *staging* utilizada pelo escritor/narrador, independentemente da quantidade e qualidade informacional das personagens. Em outras palavras, a escolha do morfema *wa* ou outro morfema de caso, realizada pelo escritor/narrador, depende não apenas da estrutura informacional do discurso, mas também dessa estratégia discursiva.

Síntese Geral

Vimos, através de uma visão diacrônica, os valores semânticos do morfema *wa* da língua japonesa, propostos pelos principais teóricos japoneses modernos (a partir do período Taishô [1912 ~]). Levando-se em consideração os postulados de cada teórico vistos neste artigo, podemos resumi-los como segue (cf. quadro 59):

(59) Sentidos/Funções principais do morfema *Wa*

<i>Sentidos/Funções Principais do Morfema Wa</i>	<i>Teóricos</i>
Exclusividade	Yamada (1922)
Ênfase da asserção contida no predicado, na forma terminativa	Yamada (1922)
Domínio sobre o <i>chinjutsu</i> (asserção/concatenação final)	Yamada (1950)
Tema (Tópico sentencial; Topicalização absoluta; Premissa maior)	Matsushita (1930); Sakuma (1952); Haga (1978); Kitahara (1981); Tanbo (1986); Teramura (1991); Saji (1991)
Comparação/Contraste (Topicalização relativa; Premissa menor)	Tokieda (1950); Mikami (1953); Kitahara (1981); Tanbo (1986); Teramura (1991); Saji (1991)
Substituição de caso	Mikami (1960); Tanbo (1986)
Modalização/Subjetividade	Watanabe (1971); Haga (1978); Noda (1995)
Informação dada	Matsushita (1930); Mikami (1953); Kuno (1973); Ôno (1978); Kitahara (1981); Maynard (1997)
Coesão/Coerência	Maynard (1997)
<i>Staging</i> /Tematização	Maynard (1997)

Conforme nossa análise concernente ao morfema *wa*, pode-se afirmar que sua essência é provocar uma tensão psicológica, fazendo os interlocutores prestarem atenção ao comentário/rema do enunciado (cf. Sakuma, 1952; Ôno, 1978; Tanbo, 1986, entre outros) e sua função principal é a topicalização (*toritate*) (cf. Kitahara, 1981).

Quanto às funções do *wa*, podemos classificá-las conforme o seguinte quadro (cf. quadro 60):

(60) Camadas das funções do morfema *Wa*

[Função principal]		[Funções secundárias]
Topicalização →	TA; Tema (tópico sentencial) → TR; Contraste	Informação dada; Domínio sobre o <i>chinjutsu</i> (asserção/concatenação final); Substituição de caso; Modalização; Coesão/Coerência; Tematização; <i>Staging</i> etc.

[Obs.: TA = Topicalização absoluta; TR = Topicalização relativa.]

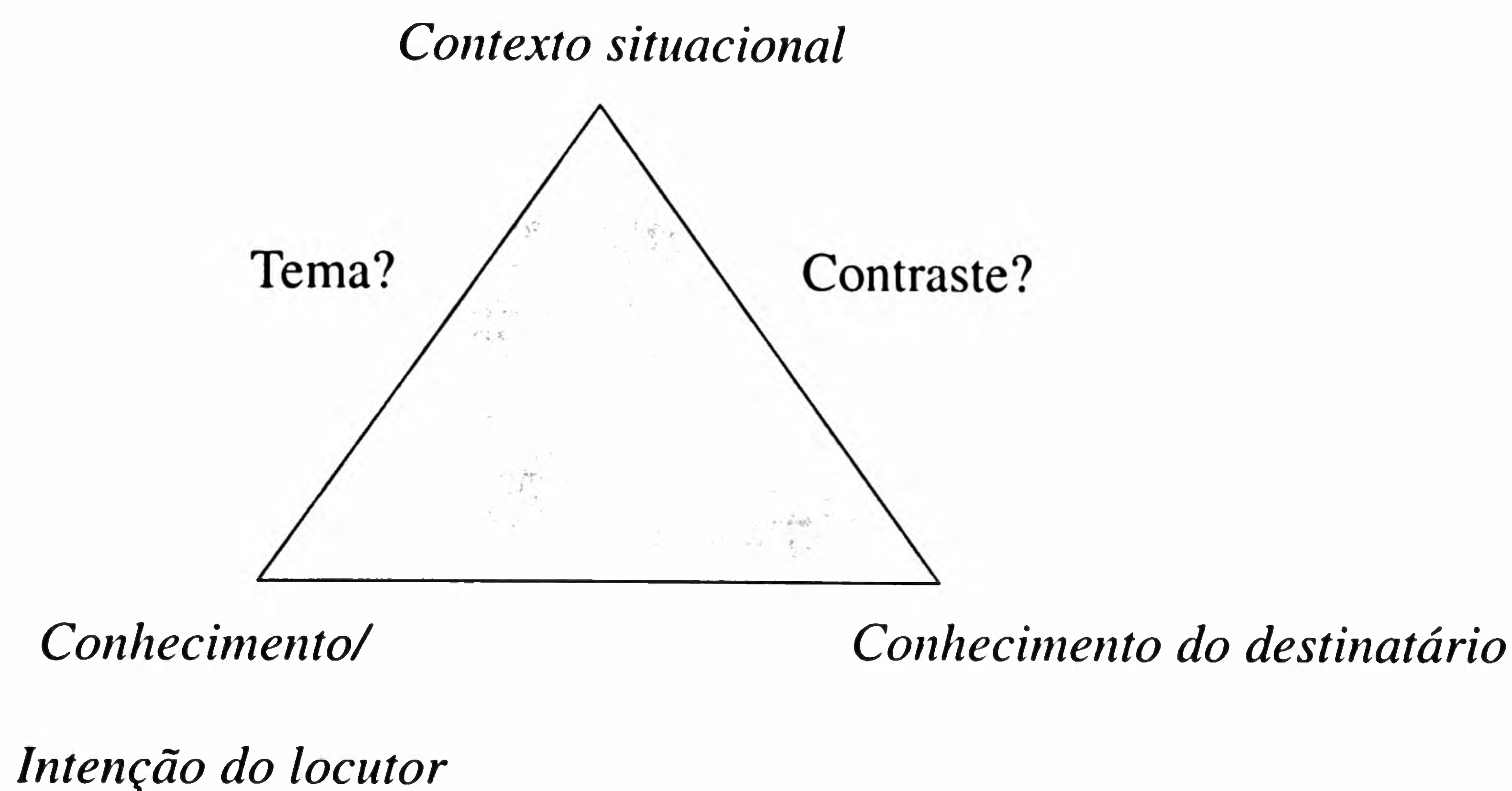
Quanto à função principal, viu-se que, dependendo da postura do locutor na escolha de um tópico, a topicalização poderá ser absoluta (isto é, tema) ou relativa (isto é, contraste) (cf. Kitahara, 1981), sendo o primeiro caso, a escolha feita dentre elementos *indeterminados* sem serem considerados os demais, e o segundo caso, dentre elementos *determinados* e limitados para serem comparados. Nota-se que Kitahara considerou a identificação das funções de *wa* (tema ou contraste), dando mais enfoque à maneira segundo a qual o locutor escolhe um tópico.

Não se pode negligenciar, porém, o fato de que a identificação das funções (tema ou contraste) depende também da entonação⁵⁸, da intenção do locutor, do contexto situacional, como apontaram Sakuma (1952), Koch e Travaglia (1998), e, principalmente, do conhecimento do destinatário. Viu-se que Teramura (1991) ressaltou que a identificação depende, além da condição discursiva (isto é, intenção do locutor e fluxo do discurso), o conhecimento semântico sobre o(s) próprio(s) vocábulo(s) e o pragmático sobre o *background* cultural, que o destinatário possui.

Nota-se, então, que *grosso modo*, a identificação das funções (tema ou contraste) depende dos três fatores resumidos no seguinte esquema:

58. Neste artigo, não tratamos da entonação do enunciado. Esse assunto será tratado como tema de estudos futuros.

(61) Três fatores principais para a identificação das funções de *wa*



O esquema acima mostra que a identificação da função de *wa* depende não apenas do conhecimento/intenção do locutor, mas também do conhecimento do destinatário e do contexto situacional⁵⁹ (*hanashi-no ba*), o que vale dizer que, principalmente, esses três fatores estão inter-relacionados para a sua identificação. Entretanto, a identificação da função não é tão simples como mostra o esquema (61), pois, de fato, ainda devemos considerar outros fatores, tais como as estruturas frasais e os valores semânticos, contidos no elemento acompanhado de *wa*.

Quanto às características sintáticas de *wa*, viu-se que Mikami (1953), Tanbo (1986) e Saji (1991), dentre outros, afirmaram que, quando há mais de um *wa* no enunciado, o primeiro possui a função de indicar o tema e o segundo, a de indicar contraste. Tanbo (1986) apontou, ainda, do ponto de vista sintático-semântico, que as funções de tema/contraste estão relacionadas ao sujeito/objeto da ação/estado, considerando que, “no caso de *wa* que indica contraste, o sujeito da ação/estado apresenta grau mais alto de natureza temática do que o objeto (*taishô*) da ação”⁶⁰ (cf. 3.11). Quanto às características semânticas, por sua vez, Teramura (1991) afirmou que a natureza (valor semântico) do elemento “X” do componente “X-*wa*” também contribui para a identificação da função de *wa* (cf. 3.12).

Tendo em vista o que foi exposto assim, apresentaremos, abaixo, o processo de reconhecimento da função de *wa* pelo destinatário, como hipótese (cf. esquema 62).

59. Neste caso, trata-se do contexto situacional, definido por Lambrecht (1994). O autor (1994, pp. 36-37) afirma: “(a) the TEXT-EXTERNAL WORLD, which comprises (i) SPEECH PARTICIPANTS, i.e. a speaker and one or several addressees, and (ii) a SPEECH SETTING, i.e. the place, time and circumstances in which a speech event takes place; (b) the TEXT-INTERNAL WORLD, which comprises LINGUISTIC EXPRESSION (words, phrases, sentences) and their MEANINGS” (as maiúsculas são do próprio autor, Lambrecht).

60. Tanbo, 1986, p. 16.

(62) Processo de reconhecimento da função de *Wa* pelo destinatário

Enunciação do componente “X-*wa*” pelo locutor

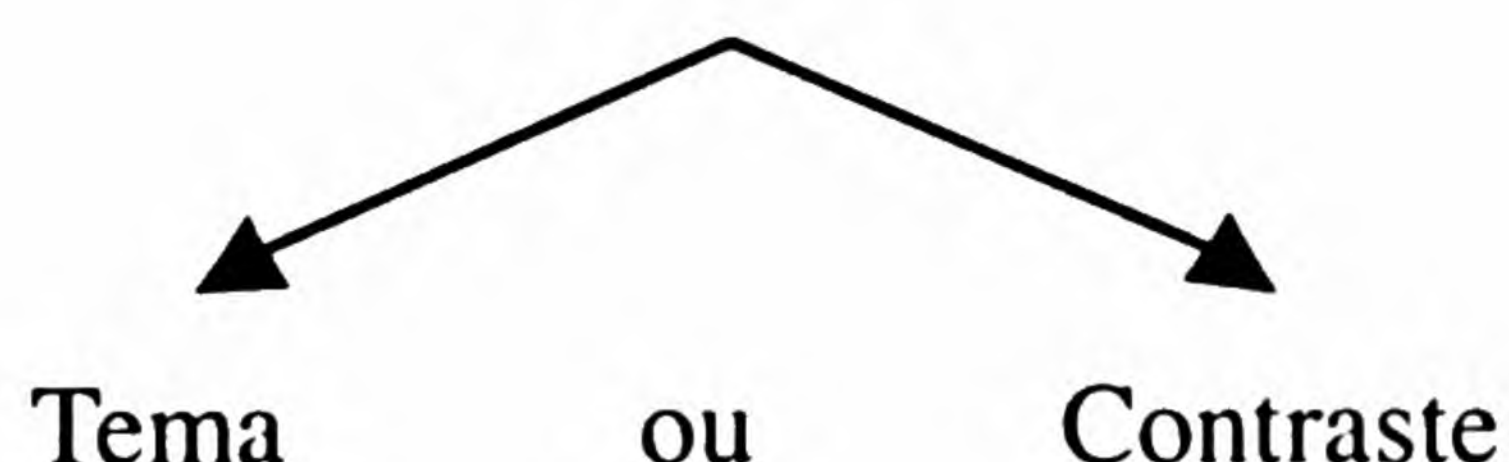


(Filtragem lingüística para a identificação da função de *Wa*)

(1) Nível sintático	Posição do “X- <i>wa</i> ” no enunciado;
(2) Nível semântico	Relação entre <i>shutai/taishô</i> (sujeito/objeto) e ação/estado no enunciado;
(3) Nível semântico-lexical	Natureza do elemento “X” (valor semântico do “X”);
(4) Nível semântico-pragmático	Conhecimento do destinatário (conhecimento semântico sobre o vocábulo e pragmático sobre o <i>background</i> cultural);
(5) Nível pragmático-discursivo	Condição discursiva (intenção do locutor; fluxo do discurso); Contexto situacional; Estratégia comunicativa/discursiva do locutor (ênfase da asserção; subjetividade; tematização etc.).



Reconhecimento da função de *Wa* pelo destinatário



Como Teramura (1991) afirmou em sua teoria, a condição discursiva é mais predominante para a identificação da função de *wa* (principalmente, para *wa* desempenhar a função de tema), mas é verdade que cada nível lingüístico no esquema (62) está inter-relacionado de forma complexa e funcionará como filtragem lingüística para identificar-se a função de *wa* no momento da enunciação. Por exemplo, a falta do conhecimento semântico ou pragmático do destinatário poderá acarretar uma concepção equivocada com relação à função de *wa*, fazendo surgir um mal-entendido entre os interlocutores.

Sendo complexa a identificação das funções (tema ou contraste) do morfema *wa*, não há, até hoje, unanimidade de sua denominação nem de sua classe gramatical (cf. quadro 63).

(63) Abordagem para a análise do morfema *Wa*

<i>Teóricos</i>	<i>Ano</i>	<i>Abordagem principal p/ a análise do Wa</i>	<i>Classificação/ Denominação do Morfema Wa</i>
Yamada	1922; 1950	Taxionomia; Morfossintaxe; Semântica	<i>Kakarijoshi</i> [morfema de efeito modalizador]
Matsushita	1930	Sintaxe Funcional; Semântica	<i>Bunsetsu</i> [contraste]; <i>Daimoku-no joji</i> [morfema de tematização]
Tokieda	1950	Semântica	<i>Kaku-wo arawasu joshi</i> [morfema de caso]; <i>Gentei-wo arawasu joshi</i> [morfema de limitação]
Sakuma	1952	Psicolinguística	<i>Tokusetsu-no joshi</i> [morfema de esclarecimento particular]
Mikami	1953; 1960	Sintaxe Funcional; Semântica	“X-wa”: <i>Teijigo</i> [vocábulo de apresentação]
Watanabe	1971	Morfossintaxe (Semântica)	<i>Kakarijoshi</i> [morfema de efeito modalizador]
Kuno	1973; 1978	Sintaxe Funcional (Gramática gerativa)	----- ¹⁾
Minami*	1974	Sintaxe	<i>Teiji-no kotoba (Daimokugo)</i> [vocábulo de apresentação (vocábulo de tema)]
Haga	1978	Sintaxe	<i>Teiji joshi</i> [morfema de apresentação]; <i>Daimokugo</i> [vocábulo de tema]
Ôno	1978	Semântica; Sintaxe Funcional	-----
Kitahara	1981	Sintaxe; Semântica	-----
Tanbo	1986	Sintaxe; Semântica	<i>Kakarijoshi</i> [morfema de efeito modalizador]
Nagano* [vocábulo que	1986	Sintaxe; Análise do Discurso	<i>Kakarijoshi</i> [morfema de efeito modalizador]; <i>Daimoku teijino go</i> apresenta tema]
Masuoka*	1987	Sintaxe	“X-wa Y”: <i>Sôshubun</i> [frase, cujo componente “X-wa” modifica frase inteira]
Teramura	1991	Sintaxe; Semântica; Sintaxe Funcional	<i>Toritateshi</i> [vocábulo de topicalização]
Saji	1991 (1974)	Taxionomia; Semântica	<i>Zentei joshi</i> [morfema de premissa]

<i>Teóricos</i>	<i>Ano</i>	<i>Abordagem principal p/ a análise do Wa</i>	<i>Classificação/ Denominação do Morfema Wa</i>
Noda*	1995	Sintaxe	<i>Toritatae joshi</i> [morfema de topicalização]
Maynard	1997	Análise do Discurso	<i>Kakarijoshi</i> [morfema de efeito modalizador]; <i>Teidai</i> [tema]
Tsukada*	2001	<i>Systemic Functional Grammar</i>	<i>Muhyô/yûhyô shudai</i> [Unmarked/marked theme]

Obs.: 1) O teórico não classificou/denominou, em particular, o morfema *wa*.

*: Não tratamos especialmente desses autores neste artigo.

Quanto às funções secundárias do *wa*, viu-se que a função de informação dada foi mais enfocada pelos teóricos, conforme se levantou neste artigo (cf. quadro 59).

Segundo Chafe (1970), no ato de fala, o locutor tenta introduzir, primeiramente, um assunto familiar ou compartilhado pelo destinatário⁶¹. Vimos que Teramura (1991) também adotou um conceito semelhante ao de Chafe, afirmando que o locutor topicaliza um elemento com o uso de *wa*, pressupondo o conhecimento do destinatário. Partindo das idéias desses teóricos⁶², pode-se concluir, então, que o componente “X-*wa*” está relacionado a informações dadas, ou seja, informações compartilhadas pelos interlocutores. É por essa razão que Maynard (1997) postulou que o morfema *wa* é marcador de coesão e tem a função de estabelecer a coerência no texto/discurso (cf. 3.14).

Mesmo que a indicação de informação dada seja uma função relevante do morfema *wa*, não se pode ignorar o valor semântico contido nele, isto é, a subjetividade do locutor. Ducrot (1972), por exemplo, ressalta que a língua não é somente um instrumento para a transmissão da informação⁶³, possuindo as funções de afirmar, pedir, ordenar, prometer, permitir, lamentar, impor algo ao destinatário etc. Mas, é possível observar que o locutor introduz o tema (informações dadas) com o uso de *wa*, no início do enunciado, como estratégia discursiva, para fazer o destinatário compreender/reconhecer, de imediato, o tópico em questão, ou para enfatizar/salientá-lo, em um dado contexto.

Viu-se também que o morfema *wa* exprime uma atitude subjetiva do locutor com relação ao conteúdo referencial (cf. Watanabe, 1971; Haga, 1978, entre outros) e quando os enunciados finalizam com a forma terminativa, o *wa* expressa, na maioria das vezes,

61. Esta noção de Chafe é semelhante à de introdução de tema, apresentada por Lyons (1977). Lyons (1977, p. 508) afirma: “*Looked at from the addressee’s point of view, what already exists in the universe-of-discourse will serve better as the communicative point of departure than will something that is unknown or unfamiliar*”

62. Ver também Matsushita (1930), Mikami (1953), Kuno (1973), Ôno (1978), Kitahara (1981), Maynard (1997), entre outros.

63. Cf. Ducrot, 1972, pp. 9-33.

o sentido de asserção enfática do locutor (cf. Yamada, 1922), o que vale dizer que o *wa* possui força ilocucionária⁶⁴ imprimida pelo locutor.

Assim sendo, chegamos à conclusão de que a identificação das funções de *wa* deverá ser realizada não apenas pela análise dos níveis sintático-semântico, mas também do pragmático-discursivo (cf. esquema 62), lembrando que o morfema gramatical *wa* da língua japonesa está relacionado às funções de indicar tema/contraste, à quantidade/qualidade informacional e, principalmente, à subjetividade do locutor⁶⁵.

Bibliografia

- ANDÔ, Sadao. “Nihongo no ‘wa’ to ‘ga’ no kinô ni tsuite” (“Sobre as Funções dos Morfemas ‘wa’ e ‘ga’ da Língua Japonesa”). *Gengo (Língua)*, vol. 9, n. 7. Tóquio, Taishûkan Shoten, 1980, pp. 64-78.
- AUSTIN, John Langshaw. *How to Do Things with Words*. 2ª ed. Oxford, Oxford University Press, 1976 (1ª ed., 1962).
- BROWN, Gillian & YULE, George. *Discourse Analysis*. Reimpresso. Cambridge, Cambridge University Press, 1991 (1ª ed., 1983).
- CHAFE, Wallace L. *Significado e Estrutura Lingüística (Meaning and the Structure of Language)*. Trad. de Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos e Sonia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1979 (ed. original, 1970).
- DUCROT, Oswald. *Princípios de Semântica Lingüística (Dizer e Não Dizer) (Dire et ne pás dire)*. Trad. de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo, Editora Cultrix/Edusp, 1977 (ed. original, 1972).
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e Coerência Textuais*. 4ª ed. São Paulo, Editora Ática, 1997.
- FIBRAS, Jan. “On defining the theme in functional sentence analysis”. In DANEŠ, F. *et alii* (orgs.). *Travaux Linguistiques de Prague, 1*. University of Alabama Press, 1964, pp. 267-280.
- FIRTH, J. R. “Personality and language in society”. In FIRTH, J. R. *Papers in Linguistics 1934-1951*. Reimpresso. Londres, Oxford University Press, 1964 (1ª ed., 1957), pp. 177-189.
- FUKASAWA, Lídia Masumi. *O Sistema de Estruturação das Modalidades na Língua Japonesa – Os Auxiliares Verbais e os Morfemas Finais*. São Paulo, Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1991.
- _____. “A Função Modalizadora dos Auxiliares Verbais da Língua Japonesa”. *Estudos Japoneses*, n. 12. São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da USP, 1992, pp. 37-61.
- HAGA, Yasushi. *Gendai nihongo no bunpô (Gramática da Língua Japonesa Moderna)*. 1ª ed. Tóquio, Kyôiku Shuppan, 1978.
- KEHDI, Valter. *Morfemas do Português*. 6ª ed. São Paulo, Editora Ática, 2000.

64. O termo “força ilocucionária”, aqui utilizado, corresponde ao conceito introduzido por Austin (1962). A força ilocucionária diz respeito, de maneira geral, ao ato de o locutor praticar, realizar ou executar algo além de apenas dizer algo, isto é, à intenção do locutor na relação interpessoal, a qual deve influir sobre a atitude e comportamento do destinatário.

65. Como este artigo tem por foco principal traçar uma visão diacrônica das teorias semânticas sobre o morfema gramatical *wa*, o assunto relativo à subjetividade do locutor será tratado como tema de estudos futuros.

- KITAHARA, Yasuo. *Nihongo no bunpô (Gramática da Língua Japonesa)*. Tóquio, Chûôkôronsha, 1981 (col. Nihongo no sekai 6).
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Coerência Textual*. 8ª ed. São Paulo, Contexto, 1998.
- KUNO, Susumu. *Nihon bunpô kenkyû (Estudos da Gramática da Língua Japonesa)*. 17ª ed. Tóquio, Taishûkan Shoten, 1996 (1ª ed., 1973).
- . *Danwa no bunpô (Gramática do Discurso)*. 2ª ed. Tóquio, Taishûkan Shoten, 1980 (1ª ed., 1978).
- LAMBRECHT, Knud. *Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus and the Mental Representations of Discourse Referents*. Reimpresso. Nova York, Cambridge University Press, 1998 (1ª ed., 1994) (Cambridge Studies in Linguistics, n. 71).
- LYONS, John. *Semantics: vol. 2*, 1ª ed. Cambridge, Cambridge University Press, 1977.
- MASUOKA, Takashi. *Meidai no bunpô (Gramática da Proposição)*. 4ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1995 (1ª ed., 1987).
- MATSUMURA, Akira (org.). *Nihon bunpô dai jiten (Grande Dicionário de Gramática da Língua Japonesa)*. 1ª ed. Tóquio, Meiji Shoin, 1971.
- MATSUSHITA, Daizaburô. *Hyôjun nihon kôgohô (Regras Gramaticais da Língua Falada do Japonês Padrão)*. Reed. aum. e org. por Masanobu Tokuda. Tóquio, Benseisha, 1977 (ed. original, 1930).
- MAYNARD, Senko K. *Danwa bunseki no kanôsei (Possibilidades da Análise do Discurso)*. 1ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1997.
- MIKAMI, Akira. *Gendaigohô josetsu – Shintakusu no kokoromi (Introdução às Regras Gramaticais do Japonês Moderno – Uma Tentativa para a Sintaxe)*. 1ª ed. Tóquio, Tôe Shoin, 1953.
- MINAMI, Fujio. *Gendai nihongo no kôzô (A Estrutura da Língua Japonesa Moderna)*. 10ª ed. Tóquio, Taishûkan Shoten, 1994 (1ª ed., 1974).
- MUKAI, Yûki. “A Coesão e a Coerência na Língua Japonesa, à Luz das Funções do *kyûjôhō* (Informações Dadas) e *shinjôhō* (Informações Novas), em Contraste com a Língua Portuguesa”. *Anais do XI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa – I Encontro de Estudos Japoneses, 2000*. Brasília, Universidade de Brasília, 2001, pp. 135-144.
- NAGANO, Masaru. *Bunshôron sôsetsu (Teoria Geral sobre a Análise do Texto)*. 6ª ed. Tóquio, Asakura Shoten, 1996 (1ª ed., 1986).
- NODA, Hisashi. “Bun no kaisô kôzô kara mita shudai to toritate (Tema e Topicalização do Ponto de Vista da Estrutura das Dimensões da Frase)” In MASUOKA, Takashi; NODA, Hisashi & NUMATA, Yoshiko (orgs.). *Nihongo no shudai to toritate (Tema e Topicalização da Língua Japonesa)*. 2ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1997 (1ª ed., 1995), pp. 1-35.
- ÔNO, Susumu. *Nihongo no bunpô wo kangaeru (Refletindo sobre a Gramática da Língua Japonesa)*. 40ª ed. Tóquio, Iwanami Shoten, 1997 (1ª ed., 1978).
- SAJI, Keizô. “Kakari-musubi no issokumen – shudai/jojutsu(bu) ni kanren shite – (Um Aspecto do Grammatical Adverb-predicate Correspondence – Relações com o Tema e o Rema –)” *Kokugo kokubun (Língua e Literatura Japonesa)*, vol. 43, n. 5. Quióto, Kyôto Daigaku Kokubun Gakkai, 1974, pp. 1-30.
- . *Nihongo no bunpô no kenkyû (Estudos da Gramática da Língua Japonesa)*. 3ª ed. Tóquio, Hitsuji Shobô, 1996 (1ª ed., 1991).
- SAKUMA, Kanae. *Gendai nihongohô no kenkyû (Estudos de Regras Gramaticais do Japonês Moderno)*. 5ª ed. Tóquio, Kôseisha Kôseikaku, 1967 (1ª ed., 1952).
- TANBO, Ken'ichi. “Kakarijoshi ‘wa’ no rikai (Compreensão do Morfema de Efeito Modalizador ‘wa’)” *Nihongogaku (Estudos da Língua Japonesa)*, vol. 5, n. 2. Tóquio, Meiji Shoin, 1986, pp. 14-21.

- TERAMURA, Hideo. *Nihongo no shintakusu to imi III (A Sintaxe e o Sentido da Língua Japonesa)*. 3ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1998 (1ª ed., 1991).
- TOKIEDA, Motoki. *Nihon bunpô kôgohen (Gramática Japonesa – Série Língua Falada)*. 14ª ed. Tóquio, Iwanami Shoten, 1968 (1ª ed., 1950).
- TSUKADA, Hiroyasu. *Nichieigo no shudai, shugo soshite shôryaku – Taikei kinôbunpôteki apurôchi (Tema, Sujeito e Eclipse do Japonês e do Inglês – Perspectiva do Systemic Functional Grammar)*. 1ª ed. Tóquio, Liber Shuppan, 2001.
- van DIJK, Teun A. *Text and Context: Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse*, 5ª ed. Nova York, Longman Inc., 1989 (1ª ed., 1977).
- WATANABE, Minoru. *Kokugo Kôbunron (Teoria Sintática da Língua Japonesa)*. 1ª ed. Tóquio, Hanawa Shobô, 1971.
- YAMADA, Yoshio. *Nihon kôgohô kôgi (Explicações sobre a Gramática da Língua Japonesa Falada)*. Reimpresso. Tóquio, Hôbunkan, 1970 (1ª ed., 1922).
- . *Nihon bunpôgaku gairon (Considerações Gerais sobre a Teoria da Gramática Japonesa)*. 1ª ed. Tóquio, Hôbunkan, 1936.
- . *Nihon bunpôgaku yôron (Teoria Fundamental sobre os Estudos da Gramática Japonesa)*. 1ª ed. Tóquio, Kadokawa Shoten, 1950.

Referência Bibliográfica dos Exemplos Citados

- NATSUME, Sôseki. *Kokoro (Coração)*. 150ª ed. Tóquio, Kadokawa Shoten, 1990 (1ª ed., 1951).